



**TROMBOEMBOLISMO EM FELINOS COM PERITONITE INFECCIOSA
FELINA: ASPECTOS CLÍNICOS E TERAPÊUTICOS**

**THROMBOEMBOLISM IN DOMESTIC CATS WITH FELINE INFECTIOUS
PERITONITIS: CLINICAL AND THERAPEUTIC ASPECTS**

**TROMBOEMBOLISMO EN FELINOS CON PERITONITIS INFECCIOSA
FELINA: ASPECTOS CLÍNICOS Y TERAPÉUTICOS**



<https://doi.org/10.56238/levv17n58-071>

Data de submissão: 26/02/2026

Data de publicação: 26/03/2026

Mariana Silva de Lima

Graduanda em Medicina Veterinária

Instituição: Universidade Anhembi Morumbi (UAM)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: mariana11.lima04@gmail.com

Rebeca Gomes Kageyama

Graduanda em Medicina Veterinária

Instituição: Universidade Nove de Julho (UNINOVE)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: rebecakageyama@gmail.com

Paula Maria Pires do Nascimento Penido

Doutora em Ciência Animal

Instituição: Instituto Ampara Animal - Ciência e Educação

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: paulapenido@amparanimal.org.br

RESUMO

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença viral grave causada por mutações do coronavírus felino (FCoV), caracterizada por inflamação sistêmica e formação de lesões granulomatosas em múltiplos órgãos. Entre suas complicações, destaca-se o tromboembolismo, capaz de ocasionar comprometimento cardíaco, respiratório ou neurológico. O presente estudo tem como objetivo revisar a fisiopatologia do tromboembolismo associado à PIF, bem como suas manifestações clínicas, métodos diagnósticos e estratégias terapêuticas descritas na literatura. Trata-se de uma revisão de literatura acerca do uso do antiviral GS-441524, anticoagulantes como heparina de baixo peso molecular, agentes antiplaquetários e medidas de suporte clínico. Evidências indicam que o reconhecimento precoce das complicações tromboembólicas, aliado ao manejo terapêutico adequado, pode reduzir a mortalidade e melhorar o prognóstico dos felinos acometidos. Conclui-se que a associação entre o controle da infecção viral e a intervenção sobre o estado pró-trombótico constitui estratégia terapêutica relevante para otimização dos desfechos clínicos em gatos com PIF.

Palavras-chave: Peritonite Infecciosa Felina. Tromboembolismo. GS-441524. Anticoagulantes. Felinos.

ABSTRACT

Feline Infectious Peritonitis (FIP) is a severe viral disease caused by mutations of feline coronavirus (FCoV), characterized by systemic inflammation and granulomatous lesions affecting multiple organs. Among its complications, thromboembolism stands out as a significant condition that may result in cardiac, respiratory, or neurological impairment. This study aims to review the pathophysiology of thromboembolism associated with FIP, as well as its clinical manifestations, diagnostic approaches, and therapeutic strategies reported in the literature. This is a literature review addressing the use of the antiviral GS-441524, anticoagulants such as low-molecular-weight heparin, antiplatelet agents, and supportive care measures. Current evidence suggests that early recognition of thromboembolic complications, combined with appropriate therapeutic management, may reduce mortality and improve clinical outcomes in affected cats. The integration of viral infection control with targeted management of the prothrombotic state represents a relevant therapeutic approach to optimize prognosis in cats with FIP.

Keywords: Feline Infectious Peritonitis. Thromboembolism. GS-441524. Anticoagulants. Cats.

RESUMEN

La Peritonitis Infecciosa Felina (PIF) es una enfermedad viral grave causada por mutaciones del coronavirus felino (FCoV), caracterizada por inflamación sistémica y formación de lesiones granulomatosas en múltiples órganos. Entre sus complicaciones, el tromboembolismo constituye una manifestación relevante que puede provocar compromiso cardíaco, respiratorio o neurológico. El presente estudio tiene como objetivo revisar la fisiopatología del tromboembolismo asociado a la PIF, así como sus manifestaciones clínicas, métodos diagnósticos y estrategias terapéuticas descritas en la literatura. Se trata de una revisión de la literatura enfocada en el uso del antiviral GS-441524, anticoagulantes como la heparina de bajo peso molecular, agentes antiplaquetarios y medidas de soporte clínico. La evidencia disponible indica que el reconocimiento temprano de las complicaciones tromboembólicas, junto con un manejo terapéutico adecuado, puede reducir la mortalidad y mejorar el pronóstico de los felinos afectados. La integración entre el control de la infección viral y la intervención sobre el estado protrombótico representa una estrategia terapéutica relevante para optimizar los desenlaces clínicos en gatos con PIF.

Palabras clave: Peritonitis Infecciosa Felina. Tromboembolismo. GS-441524. Anticoagulantes. Felinos.

1 INTRODUÇÃO

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma das enfermidades mais graves que acometem gatos, resultante de mutações no coronavírus felino (FCoV). A doença apresenta elevada letalidade e é responsável por significativa taxa de mortalidade na população felina, estimada entre 0,5% e 1,4% (Pedersen, 2014; Tasker et al., 2023). Manifesta-se nas formas efusiva e não efusiva, ambas associadas à intensa resposta inflamatória sistêmica.

Entre as complicações descritas, destaca-se o tromboembolismo. Embora seja mais frequentemente associado a cardiomiopatias, sua ocorrência também foi relatada em gatos com PIF, possivelmente relacionada à vasculite e ao estado pró-trombótico induzido pela infecção viral (Sakurai et al., 2010; Buchta et al., 2025). Essa condição pode resultar em comprometimento cardíaco, respiratório ou neurológico, contribuindo para o agravamento do prognóstico.

Nos últimos anos, avanços terapêuticos têm modificado a perspectiva clínica da doença. O antiviral GS-441524 demonstrou eficácia significativa no controle da replicação viral, e sua associação com anticoagulantes e agentes antiplaquetários tem sido considerada uma abordagem promissora no manejo das complicações tromboembólicas (Buchta et al., 2025).

Diante desse contexto, este trabalho objetiva revisar criticamente a literatura disponível acerca da associação entre PIF e tromboembolismo, enfatizando os principais mecanismos fisiopatológicos, manifestações clínicas e métodos diagnósticos descritos, bem como avaliar as estratégias terapêuticas propostas, incluindo o uso do antiviral GS-441524, anticoagulantes e agentes antiplaquetários. Além disso, discutem-se as perspectivas atuais para o manejo clínico e o prognóstico de felinos acometidos, fornecendo subsídios para a otimização do diagnóstico e do tratamento dessa condição.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica narrativa, desenvolvida com o objetivo de integrar e discutir evidências científicas contemporâneas acerca da associação entre Peritonite Infecciosa Felina (PIF) e tromboembolismo.

A busca de literatura foi realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e Scopus, utilizando os descritores “Peritonite Infecciosa Felina”, “Feline Infectious Peritonitis”, “Tromboembolismo”, “Thromboembolism” e “GS-441524”, combinados por meio de operadores booleanos (AND/OR). Foram considerados artigos publicados nos últimos dez anos, disponíveis na íntegra nos idiomas inglês, português e espanhol, que abordassem diretamente a temática proposta.

Foram excluídos estudos duplicados, trabalhos sem relação direta com o tema e publicações que não apresentassem fundamentação metodológica adequada. A seleção dos artigos envolveu a análise inicial dos resumos, seguida da leitura integral dos textos considerados pertinentes. Posteriormente, procedeu-se à síntese descritiva e crítica das informações, contemplando os principais

aspectos fisiopatológicos, manifestações clínicas, métodos diagnósticos e estratégias terapêuticas, incluindo o uso do antiviral GS-441524, anticoagulantes e agentes antiplaquetários.

3 PERITONITE INFECCIOSA FELINA: ASPECTOS GERAIS

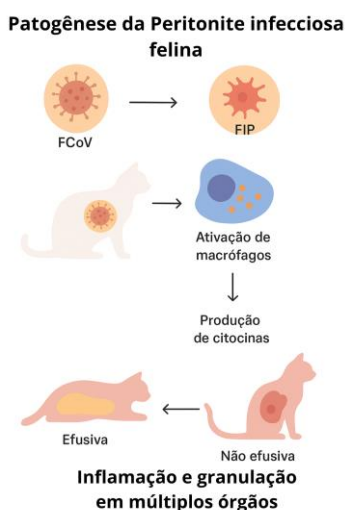
A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma enfermidade viral sistêmica grave, decorrente de mutações no coronavírus felino (FCoV), capazes de modificar o tropismo viral e desencadear respostas imunes desreguladas. Pode manifestar-se na forma efusiva, caracterizada pelo acúmulo de líquido em cavidades corporais, ou na forma não efusiva, marcada pela formação de granulomas em múltiplos órgãos e por evolução clínica frequentemente insidiosa (Pedersen, 2014; Tasker et al., 2023).

O processo patológico envolve intensa ativação de macrófagos e produção exacerbada de citocinas pró-inflamatórias, resultando em vasculite, necrose tecidual e alterações endoteliais. Essas alterações contribuem para complicações sistêmicas e para a ocorrência de eventos tromboembólicos, muitas vezes subdiagnosticados (Sakurai et al., 2010; Buchta et al., 2025; Zuzzi-Krebitz et al., 2024; Arcuri et al., 2025) (Figura 1).

Nos últimos anos, o tratamento da PIF apresentou avanços significativos com a introdução do antiviral GS-441524, associado à remissão clínica e à redução da carga viral, inclusive em casos com complicações sistêmicas. Além da terapia antiviral, medidas de suporte, como fluidoterapia, suporte nutricional e monitoramento de órgãos-alvo, são fundamentais para aumentar a sobrevida e preservar a qualidade de vida dos felinos acometidos (Buchta et al., 2025; Özlek, Esin & Meral, 2025).

Recomenda-se abordagem multidisciplinar e acompanhamento clínico contínuo, com protocolos terapêuticos padronizados e atualização constante das evidências científicas disponíveis para orientar o manejo da PIF (Taylor et al., 2025).

Figura 1. Patogênese da Peritonite Infecciosa Felina. Representação esquemática das etapas de infecção pelo coronavírus felino (FCoV), mutação viral, resposta imune do hospedeiro e desenvolvimento da forma sistêmica da doença.



Fonte: Lima et al., 2025, adaptado de Pedersen, 2014

4 TROMBOEMBOLISMO E SUA ASSOCIAÇÃO COM A PIF

O tromboembolismo em felinos constitui uma complicação clínica de elevada relevância e reconhecida complexidade, caracterizada pela formação e migração de trombos na circulação, resultando em obstrução vascular e consequente isquemia tecidual. Em gatos acometidos pela Peritonite Infecciosa Felina (PIF), essa condição tem sido relatada com frequência crescente e está associada à intensa resposta inflamatória sistêmica (Pedersen, 2014; Kipar & Meli, 2014; Tasker et al., 2023).

A base fisiopatológica do tromboembolismo na PIF pode ser compreendida à luz da tríade de Virchow; lesão endotelial, estase sanguínea e estado de hipercoagulabilidade, todos potencializados pelo processo inflamatório sistêmico (Figura 2). A replicação do coronavírus felino mutado (FCoV) em macrófagos desencadeia a liberação de citocinas pró-inflamatórias, como IL-1, IL-6 e TNF- α , promovendo disfunção endotelial e ativação plaquetária (Felten & Hartmann, 2019; Tekes et al., 2012). Esse ambiente inflamatório favorece a deposição de fibrina e a formação de microtrombos, que podem acometer diferentes órgãos, incluindo pulmões, coração, fígado e sistema nervoso central (Kipar & Meli, 2014; Pedersen, 2014).

Relatos clínico-patológicos reforçam essa associação. Sakurai et al. (2010) descreveram trombose do seio sagital em um gato com a forma não efusiva da PIF, evidenciando lesões vasculares multifocais e infiltração de macrófagos infectados nas paredes vasculares (Felten & Hartmann, 2019).

Estudos mais recentes também apontam para a persistência do risco trombótico mesmo após o início do tratamento antiviral. Buchta et al. (2025) relataram a ocorrência de miocardite e trombos intracardíacos em gatos tratados com GS-441524, sugerindo que a ativação inflamatória e a lesão endotelial podem manter-se ativas mesmo diante da redução da carga viral. Evidências indicam que o tromboembolismo pode ocorrer tanto durante a fase ativa da infecção quanto em períodos de aparente recuperação clínica, refletindo um desequilíbrio hemostático persistente.

O estado inflamatório e vasculítico característico da PIF favorece a formação de trombos mesmo após a diminuição da replicação viral. A infecção de macrófagos pelo vírus promove acúmulo celular perivascular e lesão endotelial, enquanto a ativação do endotélio e a expressão de fator tecidual por células inflamatórias desencadeiam a cascata da coagulação, com geração de trombina e deposição de fibrina. Em focos localizados de inflamação vascular, como no plexo coróide ou nos ventrículos cerebrais, pode ocorrer trombose in situ, conforme descrito em relato envolvendo o seio sagital de gato com PIF não efusiva (Sakurai et al., 2010).

Quando a ativação da coagulação assume caráter sistêmico, pode instalar-se quadro compatível com coagulação intravascular disseminada (CID), caracterizado pela formação difusa de fibrina na microvasculatura, consumo de fatores de coagulação e plaquetas, além de risco concomitante de isquemia orgânica e hemorragias (Tasker et al., 2023; Pedersen, 2014).

A ocorrência de tromboembolismo na PIF difere daquela observada em felinos com cardiomiopatias, como a cardiomiopatia hipertrófica (CMH), na qual a formação do trombo geralmente está relacionada à estase sanguínea no átrio esquerdo e à disfunção miocárdica (Guillaumin, 2024). Na PIF, por outro lado, a inflamação endotelial generalizada e a vasculite imunomediada constituem os principais mecanismos envolvidos, configurando um padrão de trombose sistêmica mais difusa, frequentemente associada a manifestações neurológicas e respiratórias (Vasinioti et al., 2023; Vollmar et al., 2024).

Em conjunto, os dados disponíveis indicam que o tromboembolismo em gatos com PIF é um evento multifatorial, sustentado por um ambiente pró-trombótico decorrente da infecção viral e da resposta imune desregulada. O reconhecimento dessa associação é fundamental para direcionar estratégias terapêuticas, incluindo o uso criterioso de anticoagulantes e o monitoramento de marcadores de coagulação em pacientes com suspeita ou diagnóstico confirmado de PIF. Assim, a doença não se limita a um processo inflamatório sistêmico, mas envolve também alterações significativas no equilíbrio hemostático, criando condições propícias à formação de trombos locais ou disseminados.

Figura 2. Representação esquemática da tríade de Virchow aplicada à Peritonite Infecciosa Felina, destacando a interação entre lesão endotelial, estase sanguínea e hipercoagulabilidade, que contribuem para a formação de trombos.



Fonte: Lima et al., 2025, adaptado de Kipar & Meli, 2014 e Tekes et al., 2012

5 MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS E DIAGNÓSTICO

O tromboembolismo em felinos constitui complicação relevante e de evolução potencialmente grave, especialmente na forma não efusiva da PIF. Os sinais clínicos variam conforme o local da obstrução vascular e a extensão dos trombos, podendo incluir dispneia súbita, fraqueza, paresia ou paralisia de membros posteriores, além de episódios de colapso e morte súbita (Sakurai et al., 2010; Kipar & Meli, 2014; Buchta et al., 2025). Esses sinais frequentemente se sobrepõem às manifestações sistêmicas da própria PIF, dificultando o diagnóstico clínico inicial (Felten & Hartmann, 2019).

A vasculite decorrente da replicação viral e da resposta imunomediada ao coronavírus felino (FCoV) desempenha papel central na formação dos trombos, contribuindo para a hipercoagulabilidade e o dano endotelial (Tekes et al., 2012; Kipar & Meli, 2014). O processo inflamatório sistêmico promove ativação plaquetária e dos fatores de coagulação, estabelecendo ambiente favorável à trombose (Solikhah et al., 2024; Silva, 2024).

O diagnóstico do tromboembolismo em gatos com PIF exige abordagem criteriosa e integrada. Exames de imagem, como ultrassonografia Doppler, radiografia torácica e tomografia computadorizada, auxiliam na identificação de alterações de perfusão e na detecção de trombos em vasos pulmonares, cerebrais ou arteriais periféricos (Tekes et al., 2012). Em casos de suspeita de tromboembolismo arterial, a ecocardiografia é ferramenta importante para diferenciar causas cardíacas primárias, como cardiomiopatia hipertrófica, de complicações vasculares associadas à PIF (Hassan et al., 2020).

Os parâmetros laboratoriais também desempenham papel relevante no suporte diagnóstico. Alterações como elevação de D-dímero, aumento do fibrinogênio e trombocitopenia sugerem estado de hipercoagulabilidade. Ademais, a inflamação sistêmica pode estar associada a disfunção hepática, a qual pode agravar o desequilíbrio hemostático e dificultar o manejo clínico (Massitel et al., 2024; Silva, 2024).

O reconhecimento precoce dessas alterações é fundamental para o manejo adequado da PIF associada ao tromboembolismo. A integração entre achados clínicos, laboratoriais e de imagem possibilita avaliação mais precisa do quadro e favorece a implementação de intervenções terapêuticas direcionadas, aumentando as chances de sobrevida e melhorando o prognóstico dos pacientes.

6 ABORDAGEM TERAPÊUTICA E PERSPECTIVAS CLÍNICAS

A abordagem terapêutica da PIF evoluiu de forma significativa nos últimos anos, especialmente após a introdução de antivirais análogos de nucleosídeos, como o GS-441524 e seu pró-fármaco remdesivir, que demonstraram elevada eficácia na inibição da replicação viral e expressiva melhora clínica em gatos com as formas efusiva e não efusiva da doença (Pedersen, 2014; Krentz et al., 2021; Green et al., 2023). Ao reduzir a carga viral e modular a resposta inflamatória sistêmica, esses fármacos podem contribuir indiretamente para a atenuação do estado pró-trombótico associado à infecção. Entretanto, a literatura ainda carece de estudos sistematizados que avaliem marcadores de coagulação antes e após a terapia antiviral, permanecendo incerta a real influência do tratamento sobre a hemostasia felina (Tasker et al., 2023; Buchta et al., 2025).

A utilização de anticoagulantes e agentes antiplaquetários em gatos com PIF tem despertado interesse crescente, embora ainda seja sustentada por evidências limitadas. Em casos com suspeita ou confirmação de trombose, o emprego de heparina de baixo peso molecular (como a enoxaparina) e de

heparina não fracionada tem sido descrito de forma empírica, com base na extrapolação de protocolos adotados em felinos com tromboembolismo arterial secundário à cardiomiopatia (Guillaumin, 2024; Vollmar et al., 2024). Entre os antiplaquetários, o clopidogrel destaca-se como fármaco de escolha na prevenção de eventos trombóticos recorrentes, apresentando perfil de segurança superior ao da aspirina (Guillaumin, 2024). Ainda assim, a anticoagulação exige monitoramento rigoroso, pois gatos com PIF podem evoluir concomitantemente com coagulação intravascular disseminada (CID), condição que eleva o risco de hemorragias espontâneas (Tasker et al., 2023; Pedersen, 2014).

Do ponto de vista clínico, o tratamento de suporte deve contemplar fluidoterapia cuidadosamente ajustada, analgesia adequada, suporte nutricional, correção da hipoalbuminemia e monitoramento seriado de marcadores hemostáticos, como D-dímero, tempo de protrombina (TP), tempo de tromboplastina parcial ativada (TTPa), fibrinogênio e contagem plaquetária, com o objetivo de detectar precocemente alterações na coagulação (Healey et al., 2022). O prognóstico permanece reservado; contudo, casos diagnosticados e tratados precocemente com terapia antiviral associada a suporte intensivo apresentam taxas de remissão progressivamente mais elevadas. A integração entre o controle da infecção viral e o manejo direcionado do estado pró-trombótico constitui, portanto, o principal eixo terapêutico atual e uma perspectiva promissora para ampliar a sobrevida e melhorar o prognóstico de felinos acometidos (Vasinioti et al., 2026).

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da literatura evidencia que a Peritonite Infecciosa Felina (PIF) constitui enfermidade sistêmica complexa, marcada por intensa resposta inflamatória e desregulação imunológica, fatores diretamente relacionados à ativação da cascata de coagulação e ao desenvolvimento de eventos tromboembólicos (Sakurai et al., 2010; Buchta et al., 2025; Tasker et al., 2023). A interação entre vasculite imunomediada, lesão endotelial e hipercoagulabilidade sustenta a ocorrência de trombose em diferentes territórios vasculares.

Os relatos clínicos analisados indicam que o tromboembolismo pode manifestar-se tanto na fase ativa da infecção quanto durante o período de recuperação clínica, sugerindo persistência de desequilíbrio hemostático mesmo após a redução da carga viral. Descrições de microtromboses disseminadas, trombos intracardíacos e eventos neurológicos reforçam a natureza sistêmica do processo trombótico em gatos com PIF, inclusive em animais submetidos à terapia antiviral (Buchta et al., 2025; Vasinioti et al., 2023).

O GS-441524 demonstrou elevada eficácia na remissão clínica e na redução da replicação viral; entretanto, as evidências disponíveis ainda são insuficientes para determinar seu impacto direto sobre parâmetros de coagulação. A ausência de monitoramento sistematizado de marcadores hemostáticos

nos estudos revisados limita conclusões mais robustas acerca da modulação do estado pró-trombótico pelo tratamento antiviral.

Nesse contexto, o uso combinado de anticoagulantes e agentes antiplaquetários, associado a suporte clínico intensivo e monitoramento laboratorial contínuo, desponta como abordagem potencialmente benéfica. Contudo, a decisão terapêutica deve ser individualizada, considerando o risco concomitante de coagulação intravascular disseminada e hemorragias espontâneas (Felten & Hartmann, 2019; Tasker et al., 2023).

De modo geral, os dados analisados indicam que a integração entre o controle da infecção viral e o manejo direcionado do estado pró-trombótico representa o eixo central da conduta terapêutica na PIF associada ao tromboembolismo. Apesar dos avanços recentes, persistem lacunas importantes no entendimento da interação entre inflamação sistêmica e hemostasia, reforçando a necessidade de estudos prospectivos que avaliem marcadores de coagulação e desfechos clínicos de forma padronizada (Pedersen, 2014; Buchta et al., 2025).

8 CONCLUSÃO

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença sistêmica grave, cuja complexidade decorre da intensa resposta inflamatória e da predisposição a complicações tromboembólicas. A formação de trombos em múltiplos órgãos evidencia a interação multifatorial entre vasculite, lesão endotelial e hipercoagulabilidade.

O reconhecimento precoce das manifestações tromboembólicas é essencial para a implementação de intervenções terapêuticas eficazes, contribuindo para a redução da mortalidade e a melhora do prognóstico clínico. O antiviral GS-441524, quando associado a suporte clínico intensivo, anticoagulantes e agentes antiplaquetários, representa a estratégia terapêutica mais promissora, embora exija monitoramento criterioso para prevenir complicações hemorrágicas.

A integração entre o controle da infecção viral e o manejo do estado pró-trombótico constitui a abordagem atual mais eficaz para otimizar os desfechos clínicos em felinos acometidos. Pesquisas futuras devem aprofundar o entendimento dos mecanismos que conectam inflamação e trombose na PIF, com o objetivo de aprimorar protocolos terapêuticos e estratégias de manejo, garantindo maior sobrevida e qualidade de vida aos animais afetados.

REFERÊNCIAS

- ARCURI, G.; BRESOLIN, P.; GUGLIELMINI, C. Treatment and prevention of cardiogenic arterial thromboembolism in the cat: a systematic review. *Animals*, v. 15, n. 24, p. 3539, 2025. DOI: 10.3390/ani15243539.
- BUCHTA, K.; et al. Myocarditis in cats with feline infectious peritonitis can be cured with GS-441524 and symptomatic cardiovascular treatment. *Animals*, v. 15, n. 11, p. 1660, 2025. DOI: 10.3390/ani15111660.
- FELTEN, S.; HARTMANN, K. Diagnosis of feline infectious peritonitis: a review of the current literature. *Viruses*, v. 11, n. 11, p. 1068, 2019. DOI: 10.3390/v11111068.
- GREEN, J.; et al. Trinta e dois gatos com peritonite infecciosa felina, efusiva ou não efusiva tratados com uma combinação de remdesivir e GS-441524. *Journal of Veterinary Internal Medicine*, v. 37, n. 5, p. 1784-1793, set.-out. 2023. DOI: 10.1111/jvim.16804.
- HEALEY, E.; et al. Surto de peritonite infecciosa felina (PIF) em gatos alojados em abrigos: análise molecular do local de clivagem do coronavírus felino S1/S2, consistente com uma ‘teoria virulenta–avirulenta circulante’ da patogênese da PIF. *Journal of Feline Medicine and Surgery Open Reports*, v. 8, n. 1, p. 20551169221074226, fev. 2022. DOI: 10.1177/20551169221074226.
- GUILLAUMIN, J. Feline aortic thromboembolism: recent advances and future prospects. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 26, p. 1–13, 2024. DOI: 10.1177/1098612X241257878.
- HASSAN, M. H.; ABU-SEIDA, A. M.; TORAD, F. A.; HASSAN, E. A. Feline aortic thromboembolism: presentation, diagnosis, and treatment outcomes of 15 cats. *Open Veterinary Journal*, v. 10, n. 3, p. 340-346, 2020. DOI: 10.4314/ovj.v10i3.13
- KIPAR, A.; MELI, M. L. Feline infectious peritonitis: still an enigma? *Veterinary Pathology*, v. 51, n. 2, p. 505–526, 2014. DOI: 10.1177/0300985814522077.
- KRENTZ, D.; et al. Curing cats with feline infectious peritonitis with an oral antiviral drug containing GS-441524. *Transboundary and Emerging Diseases*, v. 68, n. 2, p. 1869-1880, 2021. DOI: 10.3390/v13112228.
- MASSITEL, I. L.; et al. Peritonite infecciosa felina: revisão. *PUBVET*, v. 15, n. 1, p. 1-8, 2021. DOI: 10.31533/pubvet.v15n01a740.1-8.
- ÖZLEK, M.; ESİN, Ç.; MERAL, Y. Feline arterial thromboembolism: Clinical importance and management of saddle thrombus. *Veterinary and Zootechnical Sciences*, v. 1, n. 1, p. 77–94, 2025. DOI: <https://doi.org/10.64614/vzs-11>
- PEDERSEN, N. C. An update on feline infectious peritonitis: virology and immunopathogenesis. *Veterinary Journal*, v. 201, n. 2, p. 123-132, 2014. DOI: 10.1016/j.tvjl.2014.04.017.
- SAKURAI, M.; MORITA, M.; SUMISAKI, Y.; PARK, C.-H.; SHIMADA, A. Sinus thrombosis in a cat with non-effusive feline infectious peritonitis. *Journal of Veterinary Medical Science*, v. 63, n. 9, p. 715-718, 2010. DOI: 10.12935/jvma.63.715.
- SILVA, M. M. D. Novas estratégias de tratamento para peritonite infecciosa felina. 2024. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Presidente Antônio Carlos, 2024. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/tainacan-items/282/309509/MILENA->

MAYRA-DIAS-SILVA-NOVAS-ESTRATEGIAS-DE-TRATAMENTO-PARA-PERITONITE-MEDICINA-VETERINARIA-2024.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

SOLIKHAH, T. I.; et al. A review of feline infectious peritonitis virus infection. *Veterinary World*, v. 17, p. 2417-2432, 2024. DOI: 10.14202/vetworld.2024.2417-2432.

TASKER, S.; ADDIE, D. D.; EGBERINK, H.; et al. Feline infectious peritonitis: European Advisory Board on Cat Diseases guidelines. *Viruses*, v. 15, n. 9, p. 1847, 2023. DOI: 10.3390/v15091847.

TAYLOR, S.; et al. An update on the treatment of feline infectious peritonitis (July 2025). *International Cat Care*, 2025. Disponível em: https://icatcare.org/resources/icatcare_fipupdate_july25.pdf. Acesso em: 13 fev. 2026.

TEKES, G.; et al. A reverse genetics approach to study feline infectious peritonitis. *Journal of Virology*, v. 86, n. 12, p. 6994–6998, jun. 2012. DOI: 10.1128/JVI.00023-12.

VASINIOTI, V. I.; et al. Feline infectious peritonitis: a challenging diagnostic and therapeutic labyrinth. *Animals*, v. 16, n. 1, p. 128, 2026. DOI: 10.3390/ani16010128.

VOLLMAR, C.; et al. Arterial thromboembolism in a cat with transient myocardial thickening. *Journal of Veterinary Cardiology*, v. 52, p. 14–18, 2024. DOI: 10.1016/j.jvc.2024.01.002.

ZUZZI-KREBITZ, A.-M.; et al. Short treatment of 42 days with oral GS-441524 results in equal efficacy as the recommended 84-day treatment in cats suffering from feline infectious peritonitis with effusion: a prospective randomized controlled study. *Viruses*, v. 16, n. 7, p. 1144, 2024. DOI: 10.3390/v16071144.